



Nos arredores da metrópole

Estudo alerta para casos de malária no Rio de Janeiro

Danielle Monteiro

A

pesar de considerada eliminada desde 1968 no Rio de Janeiro, casos de malária que tiveram origem local, conhecidos como autóctones, ainda ocorrem em diferentes regiões cobertas por Mata Atlântica no estado, sendo

escassos os dados referentes às formas de transmissão e apresentação clínica da doença naquelas áreas. Foi a partir desta constatação que a estudante de doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz) Anielle de Pina-Costa realizou um estudo inédito no Rio de Janeiro, com estratégia de investigação de casos, adquiridos na região da Mata Atlântica, em que não havia histórico de deslocamento para áreas com transmissão local de malária. A tese, orientada pelos pesquisadores da Fiocruz Patrícia Brasil, do

Ambulatório de Doenças Febris Agudas, e Martha Mutis, em colaboração com Cláudio Ribeiro, ambos do Centro de Pesquisa Diagnóstico e Treinamento em

fotos: Lin Lima



Malária (CPDMAL), avaliou os aspectos epidemiológicos, clínicos, sorológicos e moleculares de 14 casos atendidos entre 2006 e 2013 no INI.

Foram identificados dois perfis epidemiológicos distintos de acordo com as áreas estudadas. Nos casos ocorridos nas regiões montanhosas (Guapimirim, Teresópolis, Sana, Macaé de Cima e Lumar), o agente causador da doença encontrado é fenotipicamente diferente do *Plasmodium vivax*, parasita responsável por 85% dos casos de malária registrados no Brasil. Foram os primeiros casos de malária no Sana e em Guapimirim. “O resultado indica a possibilidade de existir diferentes espécies do parasita que, pouco patogênicas no homem, poderiam causar infecções subclínicas”, afirma a autora da tese. O estudo ainda encontrou alta taxa de anticorpos para *Plasmodium* entre moradores de áreas próximas aos casos (50%), mas sem identificação do parasito no sangue dos indivíduos. Para a autora da tese, o achado acende um alerta para as autoridades de saúde da região: “a alta taxa de anticorpos para plasmódio em regiões não endêmicas indica a transmissão de malária na região e aponta para a necessidade de estudo ou triagem nos bancos de sangue locais, visando à redução do risco de transmissão da malária por via transfusional”, adverte.

Os vetores responsáveis pela transmissão da doença na região serrana foram mosquitos do gênero *Anopheles kerteszia cruzii*, que utilizam as bromélias como criadouros, o que caracteriza a doença nessas regiões como “malária de bromélias”. Todos os casos ocorreram perto de áreas de mata fechada e parcialmente preservada. Segundo a autora da tese, a transmissão para humanos seria acidental, quando se adentra o habitat onde existem primatas e vetores como mosquitos do gênero *An cruzii*. “A construção de moradias cada vez mais próximas à floresta e o desmatamento, associado à entrada constante na mata, sugerem relação com a aquisição da malária”, justifica. A tese ainda revela que os casos ocorreram em



sua maioria em visitantes (71,5%). “A baixa frequência de exposição aos mosquitos vetores da doença e ao parasito, além da consequente proteção imune reduzida do visitante contra o plasmódio, seriam possíveis explicações para a maior ocorrência de casos nesses indivíduos quando comparados aos moradores”, explica Anielle.

Em parceria com o Centro de Primatologia do Estado do Rio de Janeiro, localizado em Guapimirim, e o Centro de Pesquisa René Rachou (CPqRR/Fiocruz Minas), foram examinados 30 primatas das famílias Cebidae e Atelidae, sendo que 30% deles estavam infectados por *Plasmodium*. É o primeiro estudo que revela a infecção de primatas da família Cebidae com o parasito, indicando que a doença na região pode ser uma zoonose, e não uma antroponose (infecção exclusiva dos seres humanos) como ocorre em regiões endêmicas. “Esse resultado aponta a possibilidade de existir um reservatório primata não-humano desempenhando um papel importante na transmissão da malária na região”, reforça Anielle.

Já em áreas de planície, nas localidades de Santana de Japuíba (no muni-

cípio de Cachoeiras de Macacu) e Sapucaia, o plasmódio encontrado na maioria dos casos se assemelha ao *P. vivax* tradicional quanto aos aspectos clínicos e de parasitemia (presença de parasitos circulando no sangue). A população vizinha, no entanto, apresentou baixa frequência de anticorpos para o parasito. Já o vetor encontrado na região é do subgênero *Anopheles aquasalis*.

Em relação aos aspectos clínicos, o estudo aponta que, tanto na região serrana quanto na de planície, a malária apresenta evolução subaguda, com tempo médio de 16 dias entre o início dos sintomas e o diagnóstico. Segundo Anielle, o atraso na detecção dos casos autóctones está associado ao desconhecimento da população, devido à baixa divulgação da doença na região e aos profissionais médicos, que supõem que indivíduos que não se deslocaram para áreas endêmicas de malária não podem ter a doença. “Por ser evento pouco frequente em regiões não endêmicas, a malária pouco faz parte do currículo das escolas médicas sediadas nessas regiões, que associam a doença apenas aos países africanos e à floresta amazônica”, conclui a autora do estudo.